

Poesia de combate

- Versos da nossa história

Ao princípio da noite do dia 4 deste mês na praça 25 de Junho em Maputo; foi uma cerimónia singela a do lançamento do segundo volume de «Poesia de Combate», um livro que contém poemas de militantes da FRELIMO escritos na guerrilha, na clandestinidade ou nas prisões.

Pena que estivesse pouca gente. É que as cento e tal pessoas ali presentes tiveram oportunidade de assistir a uma iniciativa que merece continuidade, a apresentação de um livro na praça pública. Portanto, palmas para o Instituto Nacional do Livro e do Disco (INLD) que teve a ideia; só temos a desejar que ela faça corpo noutros pontos do país, de futuro.

No meio da assistência marcaram presença alguns dos militantes-poetas que deram vida aos poemas que ali eram lidos; lá estavam Marcelino dos Santos, Rui Nogar, José Craveirinha, Rafael Maguni e Rosária Tembe que no final das declamações deram seus autógrafos.

Tal como se anuncia na sua introdução este livro é a poetização de um conjunto de princípios políticos que marcaram toda uma fase da história de Moçambique; uma poetização, mais ou menos trabalhada, cuja validade não pode ser medida através de critérios literários mas sim através dos processos políticos que nela transparecem. Um pormenor apenas: o livro tem várias



Rui Nogar lendo um poema de José Craveirinha.

linguagens, por vezes, num mesmo poema, umas mais povo outras menos, a testemunharem elas mesmo uma transição de que somos colectivamente, corpo e consciência.

Para já, além de documento, «Poesia de Combate» é um estímulo para que novas linguagens surjam, frutos de um povo em revolução.

Liberdade

Liberdade,
tu hás-de chegar um dia
eu sei.

Se vieres tarde,
para além do meu tempo de luta
e de conquista,
não te esqueças
que eu te ameí
universalmente
e te busquei sem desânimo
durante toda a minha
ignota
permanência.

Detem-te pois um instante
à beira do meu túmulo:
morto embora, eu saberei sentir-te
e conhecer-te
e remorrer
então
tranquilamente.

(Jorge Rebelo — 1967)

Primavera de balas

Agarro
Na minha última humilhação
E sem ir embora da minha terra
Emigro para o norte de Moçambique
Com uma primavera de balas ao ombro.

E lá
No norte almoço raízes
Bebo restos de chuva onde bebem os bichos
No descanso em vez da minha primavera de balas
Pego no cabo da minha primavera de milhos
e faço machamba ou se for preciso
Rastejar sobre os cotovelos
E os joelhos
Rastejo.

O comboio que vem de longe com as lúcidas
nortadas
corta o veludo negro do cacimbo
e os homens nos vagões sabem a sangue
despertam as moscas do seu longo inverno.

Os homens nos vagões
com a saudade errada de um sabor que paira
um sabor de canho e mágoa.

O comboio que vem com as nortadas
derrama na savana lentamente
o leite azedo
o leite espesso
o leite antigo de uma saudade de homens nos vagões
a saudade dos homens nos vagões
é cólera, revolta e dor
o comboio que volta durante as nortadas
fere o cacimbo da savana
com o gemido dos homens nos vagões.

(Fernando Ganhão — 1961)



Depois
Escondido em posição no meio do mato
Com a minha primavera de balas apontada
Faço desabrochar no dólman do sr. Capitão
As mais belas flores florindo
O duro prego da nossa bela
Liberdade reconquistada
Aos tiros.

(José Craveirinha — 1970)



Marcelino dos Santos durante a pequena cerimónia de autógrafos.

Poesia de combate

Nampiali

Verde carmim azul e violeta
e nós
marchando no planalto
Em baixo
o vale
e as machambas de Nachinhoco
Mais longe
nas encostas de Nampiali
as árvores
verde carmim azul e violeta
enchem os nossos olhos
E já o pôr do sol
Vamos marchando
e as vozes vão cantando
«somos soldados
da FRELIMO...»
verde carmim azul e violeta
e nós
marchando no planalto
seguindo sempre para além
verde carmim azul e violeta
aqui os portugueses foram esmagados
Aqui os portugueses não voltarão
Agora nascem os campos da produção
Nós
marchando no planalto
seguindo sempre para a frente
e as vozes cantando
«Decididos
Nós lutaremos...»
Nós
marchando no planalto
seguindo para além
e sempre nos nossos olhos
as cores suaves e doces
de verde carmim azul e violeta
na paisagem quente
da terra livre de Moçambique

(Marcelino dos Santos — 1968)